

Caderno Ateliê Entrelaçamentos entre Arte e Vida

Atelier Notebook Intertwinings Between Art
and Life

Cuaderno Taller Entrelazamientos entre Arte
y Vida

**Fernanda Carrato Werneck Evangelista
(UDESC-Brasil) ¹**

Jociele Lampert (UDESC-Brasil) ²

1 Artista visual com Bacharelado pela UFG. Atua como professora de Artes do Ensino Fundamental desde 2004. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9932489754421669>
ORCID: <http://orcid.org/0009-0005-4268-8266> e-mail: fecarrato@gmail.com

2 Professora Titular na Universidade Estadual de Santa Catarina. Atualmente Professora Investigadora Visitante na FBAUL/CIEBA/ULISBOA. Doutora em Artes Visuais pela ECA/USP (2009), Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7149902931231225>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0963-0925> e-mail: jocielelampert@uol.com.br

RESUMO

Este artigo narra a trajetória de pesquisa que entende o caderno de planejamento docente como um dispositivo de criação artística e autoria pedagógica. Partindo de sua função original de organização, o objeto transforma-se em um território de experimentação estética e reflexão crítica, onde o planejamento pedagógico e a investigação artística coexistem organicamente. O Caderno Ateliê. A fundamentação teórica articula a noção de planejamento de Madalena Freire (1983), a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (1998), com seus eixos conhecer, refletir e produzir e a filosofia de arte como experiência de John Dewey (2010), que concebe o cotidiano como matéria prima do fazer artístico e educativo. O pensamento avança em diálogo com a escrevivência de Conceição Evaristo e a curadoria de Koyo Kouoh, que valorizam narrativas em “tons menores” e a potência estética do ordinário. A análise do percurso, documentado ao longo de duas décadas, demonstra como o Caderno Ateliê se torna um arquivo vivo do processo de ensino-aprendizagem, um laboratório para estudos gráficos e cromáticos e, finalmente, a premissa para obras que transbordam suas páginas como murais e telas. Conclui-se que a prática legitima o educador como produtor de cultura e revela como o extraordinário pode habitar o ordinário, convidando à revisão dos próprios registros cotidianos como atos de insurgência poética e autoria.

PALAVRAS-CHAVE

Caderno; Autoria; Experiência; Cotidiano; Criação.

ABSTRACT

This article chronicles a research trajectory that approaches the teacher’s planning notebook as a device for artistic creation and pedagogical authorship. Evolving from its original function of organization, the object transforms into a territory for aesthetic experimentation and critical reflection, where pedagogical planning and artistic investigation organically coexist, the Atelier Notebook. The theoretical framework articulates Madalena Freire’s (1983) concept of planning, Ana Mae Barbosa’s (1991) Triangular Approach (with its pillars of knowing, reflecting, and producing), and John Dewey’s (2010) philosophy of art as experience, which conceives everyday life as the raw material for both artistic and educational practice. The discussion advances in dialogue with Conceição Evaristo’s concept of “escrevivência” (writing-living) and the curatorial work of Koyo Kouoh, both of whom value narratives in “minor keys” and the aesthetic power of the ordinary. The analysis of this journey, documented over two decades, demonstrates how the Atelier Notebook becomes a living archive of the teaching-learning process, a laboratory for graphic and chromatic studies, and ultimately, the premise for artworks that overflow its pages, such as murals and paintings. It is concluded that this practice legitimizes the educator as a cultural producer and reveals how the extraordinary can inhabit the ordinary, inviting a re-evaluation of one’s own daily records as acts of poetic insurgency and authorship.

KEY-WORDS

Notebook; Authorship; Experience; Daily Life; Creation.

RESUMEN

Este artículo relata la trayectoria de una investigación que concibe el cuaderno de planificación docente como un dispositivo de creación artística y autoría pedagógica. Partiendo de su función original de organización, el objeto se transforma en un territorio de experimentación estética y reflexión crítica, donde la planificación pedagógica y la investigación artística coexisten orgánicamente: el Cuaderno Taller. El fundamento teórico articula la noción de planificación de Madalena Freire (1983), el Enfoque Triangular de Ana Mae Barbosa (1998) con sus ejes de conocer, reflexionar y producir, y la filosofía del arte como experiencia de John Dewey (2010), que concibe lo cotidiano como materia prima del hacer artístico y educativo. El pensamiento avanza en diálogo con la “escrevivência” de Conceição Evaristo y la curaduría de Koyo Kouoh, quienes valoran las narrativas en “tonos menores” y la potencia estética de lo ordinario. El análisis del recorrido, documentado a lo largo de dos décadas, demuestra cómo el Cuaderno Taller se convierte en un archivo vivo del proceso de enseñanza-aprendizaje, un laboratorio para estudios gráficos y cromáticos y, finalmente, la premisa para obras que desbordan sus páginas, como murales y telas. Se concluye que la práctica legitima al educador como productor de cultura y revela cómo lo extraordinario puede habitar en lo ordinario, invitando a revisar los propios registros cotidianos como actos de insurgencia poética y autoría.

PALABRAS-CLAVE

Cuaderno; Autoría; Experiencia; Cotidiano; Creación.

Introdução

Este artigo descreve o processo de transformação de um instrumento do cotidiano escolar, o caderno de planejamento, em um dispositivo de criação artística e autoria pedagógica. Partindo de sua função original de organização e sistematização, essas páginas se tornaram o centro de uma investigação estética e reflexiva, entrelaçando a prática docente com a vida, a qual será tratada no presente escrito³.

Inicialmente, revisita-se a origem desses registros, situando-os no contexto de uma prática educativa com influência fundamental de Madalena Freire, que revelou o caderno como um espaço de intimidade pedagógica (Freire, 1993). Em seguida, explora-se como a Abordagem Triangular, de Ana Mae Barbosa fundamenta a prática pedagógica (Barbosa, 2010), e a filosofia deweyana de arte como experiência (Dewey, 2010), aproxima a prática da própria vida. Essas autoras e esse autor forneceram a estrutura teórica que permitiu entender o caderno como um laboratório vivo, em que conhecer, refletir e produzir fundem-se num processo constante.

O percurso, então, amplia-se para dialogar com as perspectivas de Conceição Evaristo (escritora) e Koyo Kouoh (curadora), pensadoras que ampliam a possibilidade de ver ao enxergar a potência do cotidiano ao valorizar narrativas relacionadas ao dia a dia. Seu posicionamento ético, longe de se restringir ao campo das ideias, encontram eco e atualizam-se de forma palpável no cenário artístico contemporâneo, inspirando a própria estrutura de grandes eventos. A 36ª Bienal de São Paulo, em 2025, terá como ponto de partida o poema “Esú, o húmus da humanidade”, de Conceição Evaristo, enquanto a 61ª Bienal de Arte de Veneza, em 2026, terá curadoria de Koyo Kouoh. Essa reverberação prática atesta a vitalidade de suas éticas curatoriais e literárias, que conduzem à visão de mundo que sustenta o cerne da discussão proposta: a transformação do caderno de planejamento em “caderno-ateliê”, um território onde experimentações gráficas, estudos cromáticos e planejamentos pedagógicos coabitam e transbordam para outras escalas de criação e pensamento.

Por fim, a conclusão reflete sobre a forma que essa trajetória, documentada ao longo de duas décadas, apresenta-se como demonstração de que o extraordinário pode habitar o ordinário, legitimando o educador como produtor de cultura. A partir dessa reflexão, emerge um convite explícito: que educadores e educadoras possam olhar para seus próprios cadernos de planejamento, entendendo-os não como meros instrumentos de registro, mas como potenciais criações, tal qual os artistas olham para seus projetos artísticos. Trata-se de reconhecer que suas propostas pedagógicas, gestadas no fluxo do cotidiano, são já em si narrativas e criações autorais, dignas de serem valorizadas como patrimônio cultural e artístico, além de produção pedagógica.

³ Este artigo começou a ser elaborado ao cursar a disciplina do mestrado do PPGAV Ceart, Arte como Experiência em John Dewey, ministrada em 2. 2024, pela Prof. Dra. Jociele Lampert.

Era apenas um caderno (Caderno e Ateliê)

O termo “caderno” remete etimologicamente ao grego “quarttum” (quatro), referência direta ao seu processo original de fabricação, no qual folhas eram meticulosamente dobradas em conjuntos de quatro, formando fascículos organizados. Esta estrutura revela a essência do objeto tal qual dispositivo de agrupamento e sistematização. Como artista educadora, os meus primeiros cadernos de planejamento tinham o objetivo de organizar e sistematizar o planejamento, servindo de suporte para a prática pedagógica. Desde antes da escrita dos cadernos, eu experimentei diferentes formas de registro. Reuniões pedagógicas e conselhos de classe contaram com desenhos para registrar as conversas que continham mais do que as palavras podiam contar. Não havia nenhuma intenção em fazer arte ali, naquelas páginas.

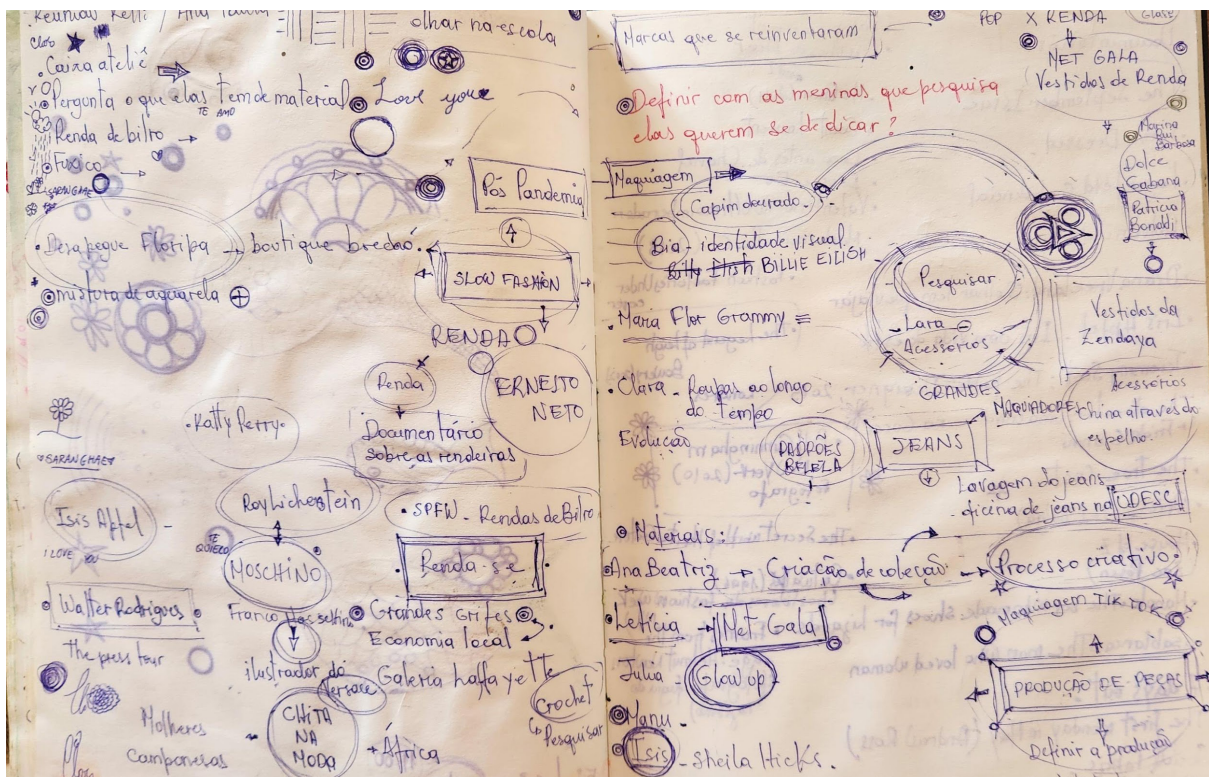


Fig. 1. Fernanda Werneck, Planejamento Projeto Moda, caneta sobre papel. 2019. (42 cm X 29,7 cm)

O contato com a obra *A Paixão de Conhecer o Mundo*, de Madalena Freire (1983), marcou um ponto importante na minha relação com os cadernos de planejamento, e sinalizam o ponto de início do processo de mudança pela qual eles passaram. No início, a mudança não foi intencional: os cadernos passaram a ganhar outras instâncias, que transbordaram dos projetos de trabalho ou roteiros de aula. É importante ressaltar que a mudança também aconteceu no olhar, na forma de perceber os cadernos. Descobri neles muito mais que uma ferramenta organizacional: encontrei um espaço de intimidade pedagógica onde os planos de aula para diferentes anos escolares passaram a conviver com reflexões espontâneas, dúvidas cruas e os imprevistos do cotidiano escolar.



Fig. 2. Fernanda Werneck, Paleta de Cores⁴, Tinta Acrílica. 2018 (42 cm X 29,7 cm)

O planejamento passa a ser vivo, com diferentes camadas. Essa abordagem ecoa profundamente em Freire quando ela afirma que “o ato de ensinar exige escuta atenta aos sinais da prática” (Freire, 1983, p.47). Essa escuta atenta possibilitou também que o olhar se ampliasse, e que houvesse uma transformação na forma de lidar, não só com os planejamentos, mas também com as crianças e jovens que faziam parte do meu cotidiano de arte educadora. Os cadernos passaram a ser referência para intermediar minha relação com a vida escolar de uma forma mais direta. Além de conter minhas anotações e reflexões, foram se constituindo como uma espécie de convite para que os estudantes acessassem suas páginas para se inspirar, tanto para seus ensaios, quanto para os percursos dentro do universo da prática com arte, funcionando como um laboratório criativo. Podia ser utilizado como espaço seguro que aceita os erros e as imperfeições. E do mesmo modo foi ampliando meu olhar de arte educadora, ao aceitar os erros.

Durante anos, a ausência de um ateliê de artes na escola exigiu a construção de diferentes estratégias para o ensino da disciplina. Por meio de leituras, estudos e reflexões contínuas em reuniões coletivas com a equipe pedagógica, consolidou-se a compreensão de que o ateliê ultrapassa a noção de um espaço físico: é um sistema de ação, expresso pela maneira como concebemos e ensinamos arte. Trata-se, assim, de um conjunto intencional de procedimentos para transformar qualquer ambiente

4 A imagem mostra duas páginas com o registro de uma paleta de cores criada de forma coletiva, pelos estudantes do Fundamental I, durante as aulas de artes.

1998, p.42). Essa tríade não opera de forma linear ou hierárquica, é possível iniciar pelo fazer criativo para depois contextualizar, ou partir da apreciação para então produzir.

Em minha prática, essa flexibilidade metodológica transformou o caderno em um verdadeiro laboratório de investigação estética, onde os três vértices se entrelaçam organicamente: anotações sobre artistas referenciais (conhecer) coexistem com reflexões sobre minha prática docente (refletir) e experimentações gráficas espontâneas (produzir), compondo um registro vivo do processo de ensino-aprendizagem. Esta forma de lidar com o conhecimento ganhou uma dimensão ainda mais potente ao entrar em contato com a teoria de Dewey que traz a arte como um modo de conhecer a vida, onde sensações, reflexões e ações se entrelaçam para transformar ações cotidianas em experiências significativas. Assim, registrar nas páginas do caderno refletiam diferentes formas de lidar com questões estéticas, de maneira experimental, como se o caderno naquele momento ocupasse o lugar de ateliê, uma vez que era usado por todos. Não o tempo todo e nem de forma proposital. Mas ao acompanhar as aulas, ele passa a ser um território que aceita o gesto inseguro, a materialidade inusitada, o imperfeito, e o inacabado. Os desenhos de estudantes de diferentes faixas etárias co-habitam as mesmas páginas que também estão carregadas com planejamentos pedagógicos.

A perspectiva deweyana de arte como experiência (Dewey, 2010) nos convoca a resignificar o trabalho com conteúdo escolares, transformando-os em vivências ativas que dialoguem com o cotidiano, a cultura e os repertórios dos estudantes. Essa abordagem, ao articular vida e currículo, não apenas amplia o interesse dos estudantes, posicionando-os como sujeitos ativos do processo de aprendizagem, mas também expande as possibilidades da ação pedagógica, que passa a propor experiências significativas, ancoradas na realidade concreta. Muitas vezes o meu caderno foi usado pelos estudantes como espaço para expor seus ensaios estéticos, ainda que fosse um rabisco, uma anotação, ou uma mistura de tintas resultando em uma cor nova. Quando o conhecimento escolar se entrelaça com o vivido, no caso, os projetos estudados, os próprios registros nos cadernos se transformam: as anotações ganham camadas de sentido, incorporando novas formas de registrar, tanto dos professores, como dos estudantes. Como afirma Dewey (1974, p. 56), “a experiência educativa só se completa quando reorganiza nossa percepção do mundo” e os cadernos, nesse sentido, tornam-se documentos de reorganização contínua.



Fig. 4, Fernanda Werneck, Página com anotações e pintura em aquarela, 2025. (42 cm X 29,7 cm)

Ao longo de duas décadas de prática docente na mesma instituição⁵, a concepção deweyana de experiência (Dewey, 2010) fundamentou a transformação progressiva do caderno em um dispositivo de experimentação pedagógica e artística. Esses registros cotidianos, ao incorporarem diversas linguagens e materialidades, tornaram-se instrumentos catalisadores de um duplo movimento: a construção de um olhar sensível às potencialidades estéticas do ensino e a descoberta de novas formas de ação educativa. Essa trajetória foi amplificada pelo diálogo constante com estudantes de diferentes faixas etárias e, com docentes de outras áreas do conhecimento em processos formativos, contexto que permitiu articular saberes disciplinares diversos através da lente da arte. O amadurecimento dessa prática revelou-se não apenas na sofisticação dos registros, mas na capacidade de convertê-los em ferramentas de ampliação para olhar para os conteúdos curriculares, permitindo abrir os caminhos para a construção de novos saberes.

A percepção estética do ordinário foi sendo gradualmente transformada por um conjunto de vozes literárias fundamentais, que acompanharam o caminho profissional na arte educação, Manoel de Barros, com sua poética do insignificante, ensinou-me a decifrar a grandeza contida nos mínimos gestos, "o avesso dos pássaros", como ele dizia, revelando que o simples não é pobreza, mas potência de resignificação (Barros, 1996). Olhar para o cotidiano da escola e até mesmo a beleza da infância ganhou potência com a poesia de Manoel de Barros. Depois, Carolina Maria de

⁵ Escola dos Sonhos, localizada na Vargem Grande em Florianópolis, que trabalha com a metodologia de projetos. Atende desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental 2.

Jesus, em *Quarto de Despejo* (1960), mostrou como o cotidiano favelado, narrado em linguagem crua e lírica, pode ser tanto documento social quanto obra de arte, seu diário transformando restos e fome em potência para olhar a própria realidade como resistência e arma para a mudança. Por fim, Conceição Evaristo, em *Becos da Memória* (2006), ofereceu-me a chave para entender minha própria trajetória docente: sua escrita, que entrelaça memória individual e resistência coletiva, iluminou como a educação se faz nas brechas, entre a acolhida das histórias pessoais e a insurgência contra estruturas opressoras. Estes autores de formas diferentes, expandiram meu olhar a partir da literatura, o que me permitiu ver a sala de aula como espaço de celebração do cotidiano e, simultaneamente, de transformação, tudo isso documentado de diferentes maneiras nas páginas de meus cadernos.

Em tons menores

Duas mulheres nos convocam a reorientar o olhar sobre a produção artística contemporânea, deslocando o foco do espetacular para o essencial, do monumental para o cotidiano que nos constitui. Seguindo a perspectiva deweyana de valorizar o cotidiano, querendo aproximar a arte da vida temos, Koyo Kouoh e Conceição Evaristo, cada uma em seu campo, propõem uma revolução sensível: a valorização das raízes, das memórias e dos gestos ordinários como matéria-prima da criação artística. Seus trabalhos revelam como o cotidiano, longe de ser plano ou insignificante, é um conjunto de camadas complexas, onde luz e sombra, razão e afeto, processo e produto se entrelaçam de forma indissociável. Nessa perspectiva, um caderno de anotações, uma conversa de rua ou um plano de aula adquirem densidade estética, transformando-se em objetos artísticos carregados de significado político e existencial. Esta abordagem não apenas democratiza o acesso à arte, mas nos convida a reconhecer a poética intrínseca aos atos mais simples do dia a dia.

Conceição Evaristo é uma importante escritora brasileira contemporânea, cuja obra está profundamente enraizada nas experiências da população negra e periférica. Nascida em uma família pobre em Belo Horizonte, migrou para o Rio de Janeiro na juventude, onde trabalhou como empregada doméstica enquanto concluía seus estudos. Formada em Letras e doutora em Literatura Comparada, Evaristo construiu uma trajetória intelectual que desafia as fronteiras entre vida e escrita, cunhando o conceito de “escrevivência”, termo que define sua prática literária como um ato de transformar a vivência negra e feminina em narrativa política e estética. Sua trajetória serve como farol para a 36ª Bienal de Arte de São Paulo, que será realizada de setembro a dezembro de 2025, propondo uma revolução sensível: a valorização do cotidiano como espaço de criação e resistência.

A trajetória de Koyo Kouoh, nos oferece um olhar renovado sobre o cotidiano e a valorização de objetos aparentemente simples, como um caderno de planejamento, que se transforma em laboratório de criação. Sua prática curatorial, marcada por uma

sensibilidade a problemáticas sociais e uma rejeição à grandiosidade espetacular, revela como gestos mínimos, anotações, rascunhos ou registros do dia a dia podem condensar processos criativos complexos. O que evidenciou como a arte contemporânea pode emergir de práticas coletivas e contextos locais, desafiando noções tradicionais de autoria e monumentalidade. Estes cadernos de planejamento, nesse sentido, não são meros instrumentos funcionais, mas microcosmos de criação, em que anotações pedagógicas, rabiscos, colagens, e outros gestos experimentais se tornam vestígios de pensamentos em movimento. Kouoh, ao recusar o “espetáculo”⁶ em favor da afetividade, nos convida a reconhecer nesses registros cotidianos a mesma densidade simbólica de obras expostas em museus.

O legado de Kouoh reforça a ideia de que a arte é, antes de tudo, um ato de presença e transformação do ordinário. Seu compromisso com a subjetividade e a escuta, visível em projetos como a documenta e a Bienal de Veneza 2026⁷, ressalta que a materialidade artística, e o olhar contemporâneo para a arte não se limita a suportes convencionais, mas se expande para objetos que carregam marcas do tempo e do uso, como cadernos manuseados. Ao valorizar práticas artísticas que dialogam com a vida social, Kouoh nos ensina que a beleza está na capacidade de transfigurar o trivial em reflexão crítica, tal como um caderno de professor pode revelar, em suas páginas, a insurgência poética do cotidiano escolar. Sua abordagem inspira, assim, uma reavaliação dos modos como catalogamos e legitimamos a arte, ampliando a visão estética e poética para incluir o efêmero, o processual e o afetivo.

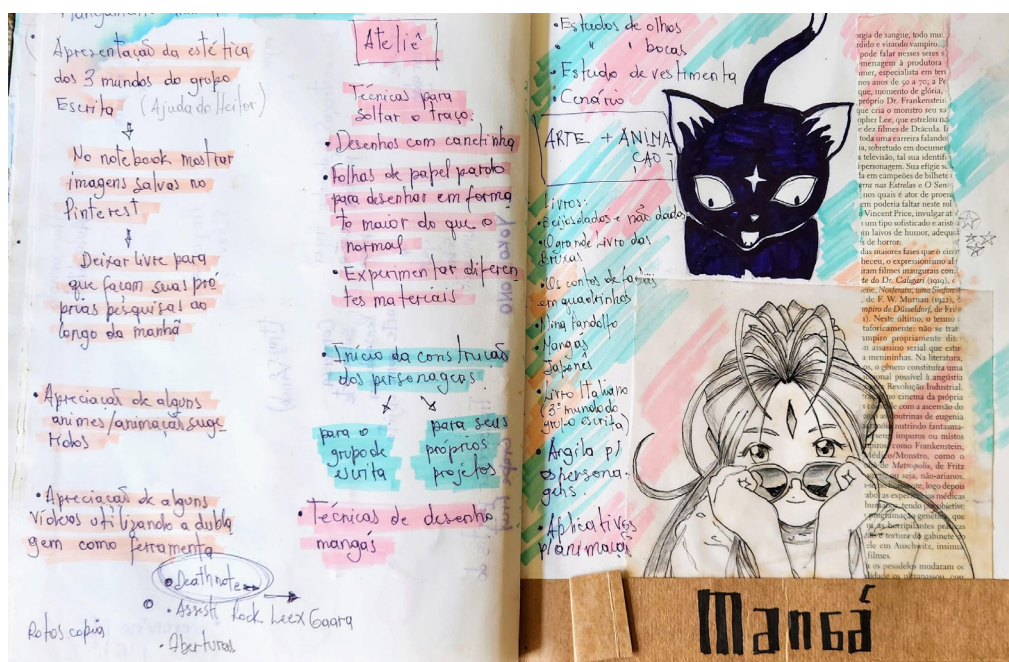


Fig. 5, Fernanda Werneck, Planejamento, Caneta, Marca Texto, Colagem. 2017. (42 cm X 29,7 cm)

⁶ “Espetáculo” é o termo usado para descrever a relação com as imagens na qual a vida real é substituída por uma representação mediada pelo consumo, tornando as pessoas espectadoras passivas de sua própria existência, segundo Guy Debord, 2020

⁷ A curadora faleceu prematuramente em 2025. Seu projeto para esta edição será mantido e executado por um comitê de seus colaboradores diretos, por ela previamente designado, com o apoio de sua família.

Kouoh, com sua curadoria guiada pelas “escalas menores”, e Evaristo, com sua literatura que extrai poesia dos gestos mais banais da vida periférica, convergem em um princípio similar: atualizam a compreensão de que o extraordinário habita o ordinário. Ambas se fazem presentes em eventos que são polos para representar o que se pensa sobre a arte, seja no Brasil (Bienal de arte de São Paulo), seja fora dele (Bienal de arte de Veneza). Pode ser nos cadernos de anotações de uma professora, nos ritos domésticos de mulheres invisibilizadas ou nas narrativas orais que pulsam nas periferias, ambas demonstram que a arte não é um território de exceção, mas um modo de habitar o mundo afetivo, coletivo e politicamente carregado. A curadoria da Bienal de São Paulo, ao se inspirar nessa poética, não apenas celebra a potência do simples, mas desafia o padrão artístico a reconhecer como os verdadeiros museus são os corpos, as ruas e os diários esquecidos, onde a vida, em sua crueza e beleza, insiste em se fazer arte. Da mesma forma, a curadoria de Kouoh propõe que o mundo olhe para os artistas que habitam diferentes hemisférios e que fazem arte se apropriando da simplicidade do cotidiano.



Fig. 6. Fernanda Werneck, Páginas Anotações, Aquarela, Caneta. 2018. (42 cm X 29,7 cm)

O Caderno Ateliê

Os cadernos de artista despertavam grande curiosidade, e muitas vezes foram objetos de estudo e apreciação. Eles revelavam pistas preciosas sobre os processos criativos, acolhendo inclusive os erros e desvios que são inerentes ao fazer, elementos que não aparecem no produto finalizado, ou mesmo no discurso que fala sobre a obra de arte. Apesar de o caderno ser uma ferramenta que me acompanhava diariamente, nunca o havia visto como um objeto artístico em si, muito menos como um registro de trajetória. Não entendia que suas páginas abarcavam camadas registradas pelas diferentes formas de inserção que crianças e jovens faziam, ao usá-las como laboratório, desenhando, escrevendo ou pintando. Território seguro, onde o erro podia aparecer, e assim podiam se arriscar e se aventurar. Não sei explicar quando ou por que comecei a guardá-los, mas hoje, ao revisitar suas páginas, percebo o quanto estavam carregados de uma experiência estética, uma singularidade na forma que só o tempo me permitiu enxergar.

Minha trajetória como educadora, marcada por uma prática pedagógica intencionalmente construída através da pesquisa contínua, do estudo sistemático e da reflexão crítica, encontra seu registro nas páginas desses cadernos. Eles se tornaram, com o tempo, mais que ferramentas de trabalho: são testemunhos materiais de um processo de crescimento profissional e artístico. Não que estes âmbitos estejam separados, mas que de alguma maneira foram se interligando com o tempo, justamente por terem sido caderno de registro e planejamento desde o início, e de irem se transformando em um ateliê ao longo dos anos, num processo mediado pela prática docente em uma relação constante com a prática dos estudantes. A concepção deweyana de que “a experiência estética representa a arte em seu estado germinal” (Dewey, 2010, p. 83) oferece a chave para compreender esses registros não como meros arquivos, mas como manifestações vivas do que o autor chamou de “realização de um organismo em suas lutas e conquistas em um mundo de coisas”. Os cadernos capturam esse movimento tríplex em sua materialidade ímpar, as páginas marcadas pelo tempo mostram não apenas a evolução gráfica, mas principalmente a maturação de um pensamento pedagógico e uma ação artística que se constituem na tensão entre o planejado e o vivido. A vida de professora se integra com a vida de artista que ganha corpo com a prática pedagógica que olha para as ações como experiências estéticas. Quando Dewey fala em “organismo”, ele nos lembra que a educação, como a arte, engloba um processo vital que não se reduz a fórmulas, mas se revela justamente nessas marcas de uma construção que ultrapassa o formal.

O caderno foi materialmente se modificando, ganhando camadas, colagens, páginas agregadas, até as experimentações transbordarem de suas páginas. Acompanhar como tais artistas resolviam seus problemas estéticos, como forma, luz e sombra, e cores, sinalizaram diferentes estratégias práticas que tornaram o desenho e a pintura mais acessíveis tanto para mim quanto para meus alunos e alunas. Experimentar a forma feminina guiada por diferentes artistas me permitiram lidar com a simplicidade do traço, e chegar a estruturas que com o tempo me deram

liberdade para criar minha própria linguagem para dialogar com o feminino. Enquanto isso, registros e planejamentos aconteciam no mesmo caderno o tempo inteiro, um entrelaçamento tornado visível entre a vida pedagógica e a pesquisa estética.

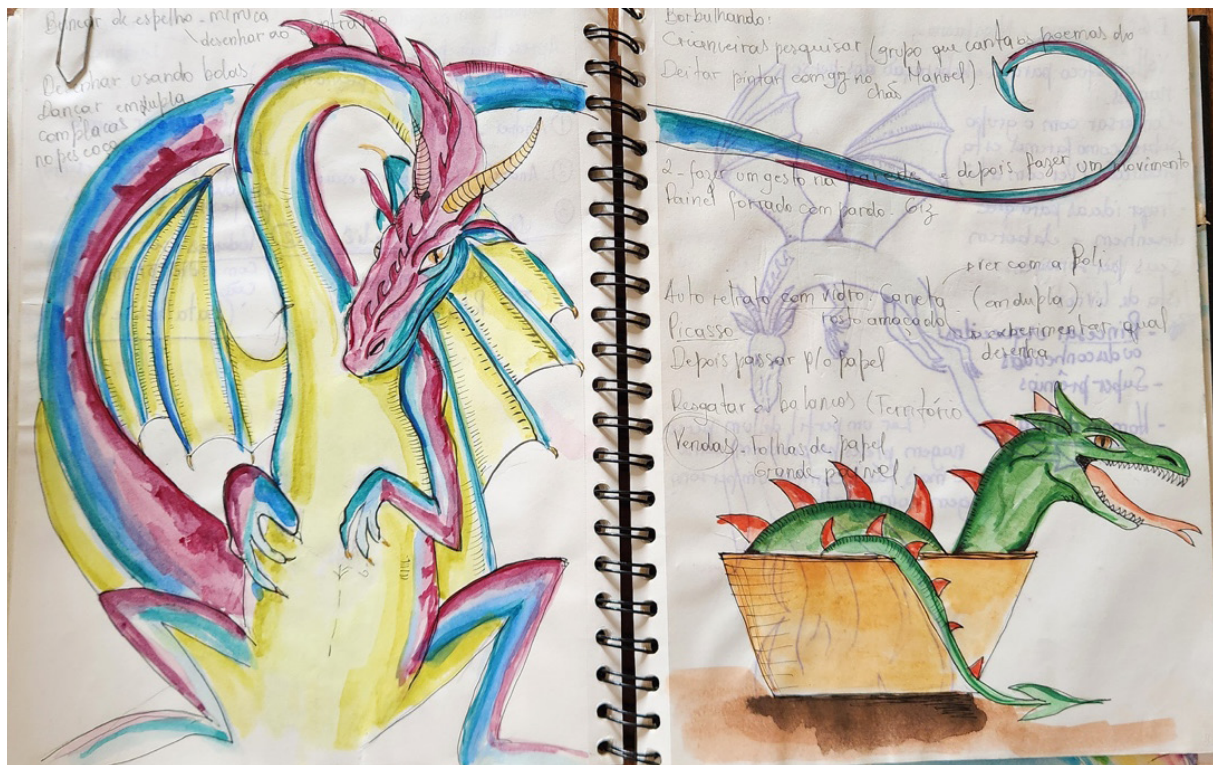


Fig. 7. Fernanda Werneck, Planejamento Dragões, Aquarela e lápis. 2019. (42 cm X 29,7 cm)

As formas femininas ganharam corpo nas dimensões restritas de folhas A4, ecoando o formato do caderno que lhes deu origem. Esse suporte, longe de ser um limite, tornou-se campo para experimentações cromáticas e grafismos, que constituíram progressivamente um arcabouço de investigação visual. A prática diária, sedimentada nas páginas do caderno-ateliê, foi aos poucos legitimando e encorajando a artista que eu a princípio, não reconhecia. A continuidade desse exercício estético permitiu transbordar o espaço do caderno, como ocorre nos ateliês. Dos registros privados vinculados à prática pedagógica, intermediado pela relação constante com diferentes campos de atuação. As imagens ampliaram-se e ganharam outras vozes, migrando para escalas e suportes diversos.



Fig. 8. Fernanda Werneck Pintura Parede Quarto de Bebê. PVA, 2018 (4,60 m X 2,20 m)

Diferentes temas de projetos me levaram a ampliar o repertório de criação e trabalhar com temáticas que normalmente não fariam parte do meu interesse e gosto pessoal. Transitar por universos de fadas, dragões, cavaleiros, heróis e heroínas, podem levar a olhar para outros aspectos estéticos. Abrem a oportunidade de ser mais leve e menos rígida com as formas ou narrativas. Assim, a pintura de telas, murais e intervenções em espaços amplos teve sua origem nos estudos que nasciam entrelaçados ao cotidiano escolar, e ao universo livre da imaginação infantil, misturados com os esboços feitos por diferentes mãos, aceitando erros e traços imperfeitos, demonstrando como o caderno pode ser premissa para expansão artística no mundo, conforme a proposição de Dewey de que a educação não é preparação para a vida, mas a vida mesma.

Uma forma de olhar para a autoria

Ao revisitar os cadernos, considerando sua função inicial até sua configuração em caderno-ateliê, se evidencia como suas páginas transcenderam a materialidade para se tornarem dispositivos de criação e autoria pedagógica, além de arquivo de um tempo que conta muitas histórias. Longe de serem meros repositórios de planos, transformaram-se no espaço onde a prática docente se entrelaça com a investigação

artística, onde a teoria de Dewey ganha corpo, a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa se exercita e a escrevivência de Conceição Evaristo encontra eco no registro do cotidiano.

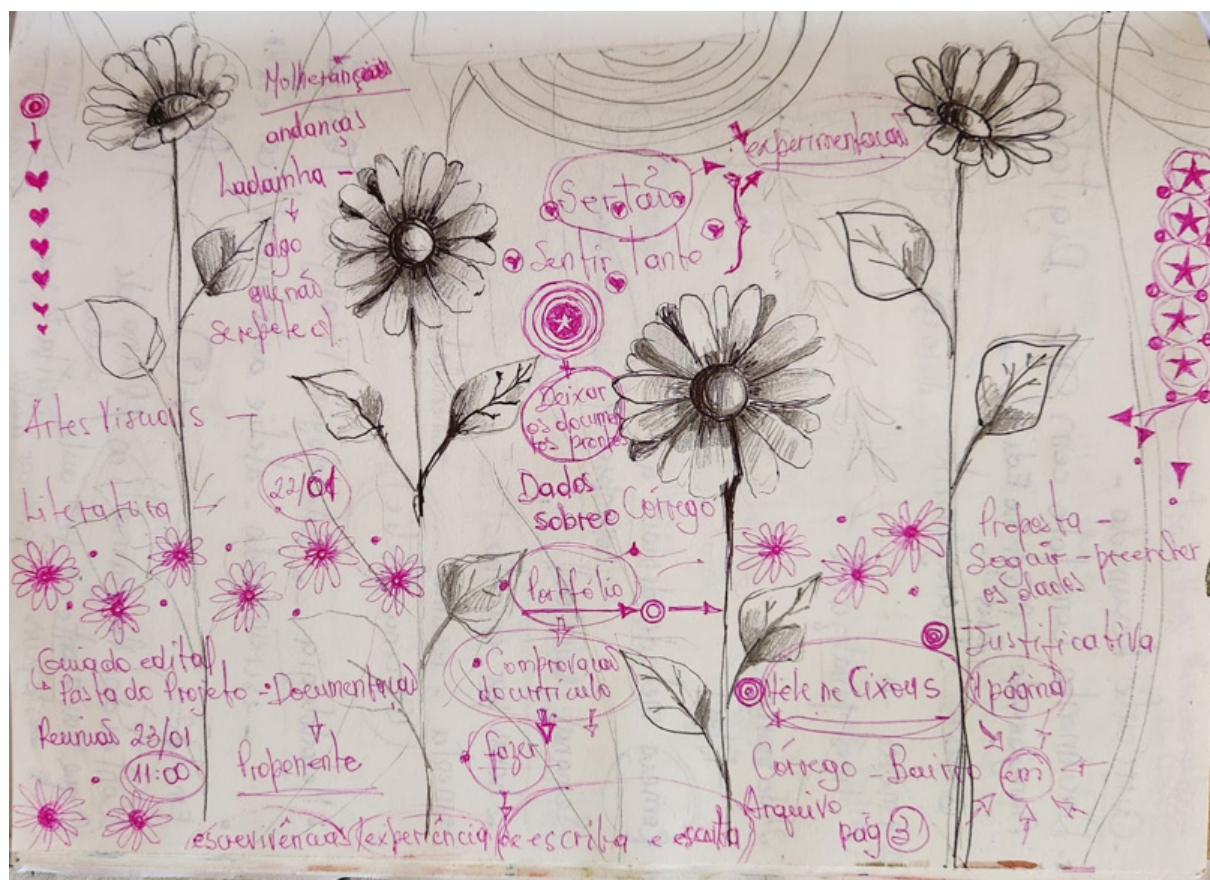


Fig. 9. Fernanda Werneck, Planejamento, Grafite e Caneta. 2024. (29,7 cm X 21 cm)

Esta prática, desenvolvida e refinada ao longo de duas décadas, não se propõe como um modelo fechado, mas sim como um convite à experimentação. O que este artigo buscou narrar foi a história de como um objeto aparentemente simples pode se tornar o centro de uma revolução sensível no fazer educativo, e na trajetória artística. Ele é a prova de que a potência estética pode estar presente nos gestos mais corriqueiros da vida escolar, misturados com a convergência de ideias e pensamentos que habitam uma sala de aula ou um ateliê, e que aparecem marcados em páginas que podiam estar esquecidas, mas foram percebidas e a partir de então, cultivadas.

Nesse sentido, as reflexões aqui compartilhadas têm a pretensão de abrir possibilidades. Que cada educadora, ao planejar seus percursos, possa se enxergar não apenas como um executora de currículos, mas como uma autora de sua prática. Que os cadernos de planejamento, os diários de bordo e os registros diversos possam ser vistos como espaços de autoria, onde a própria escrita, os desenhos, as colagens e as anotações espontâneas se materializam em atos de criação que documentam e, ao mesmo tempo, constroem o conhecimento. É importante salientar que esta proposta se estende a docentes de todas as áreas do conhecimento, não

se restringindo aos profissionais das linguagens artísticas no ambiente escolar. Trata-se, fundamentalmente, de uma mudança de escala conceitual, na qual se opera uma transformação na visão e na posição profissional, conferindo forma tangível a uma postura autoral e aberta a observação e valorização do que é simples e cotidiano.



Fig. 10. Fernanda Werneck, Parede Hotel Florianópolis, Tinta PVA, 2025. (6,20 m X 2, 35 m)

Assim, entende-se o caminho percorrido, que vai da organização à criação, do planejamento à arte, que valoriza e legitima a professora como produtora de cultura. Que esta experiência sirva de inspiração para que outras educadoras possam olhar para seus próprios instrumentos de trabalho não como meras ferramentas, mas como suportes potentes para a escrita de suas próprias histórias pedagógicas, tão complexas, rizomáticas e cheias de camadas quanto os cadernos aqui descritos. E para que se sintam como artistas que contemplam o simples e com ele transformam o dia a dia em matéria viva e estética, tal como propõe Dewey evidenciando o quanto de vida tem na arte e de arte tem na vida.

Poder olhar para os cadernos abre possibilidades para me reconhecer como artista, de olhar para minha trajetória como arte educadora, pesquisadora na busca de uma prática conectada com a vida na escola, ao mesmo tempo que lê e interage com o que acontece no mundo, na sociedade, escrevendo novas formas de lidar com a realidade no instante mesmo em que ela acontece. Nos cadernos é possível observar diferentes camadas que compõem a vida que exige ser vivida, e que demanda estar conectada com o presente, com as problemáticas que acompanham seu próprio tempo.

Caderno ateliê, esse território que exige pausas e respiros. Há momentos de silêncio, quando as palavras parecem se esconder, seguidos por turbilhões de pensamentos que irrompem no vazio. É caos. Tem páginas incríveis e outras nem tanto. Mas ali cabe qualquer tipo de imprevisto, inclusive aqueles que vêm recheados de afeto, com bilhetes e declarações espontâneas, ou lembranças perdidas em uma

frase. O erro aparece e posso olhar para ele, o que ele me mostra? Posso anotar o que senti, posso escrever uma frase inusitada. Posso olhar minhas inquietações e dúvidas. Cabe um risco. Cabe um suspiro. Cabe o sonho e cabe a nuvem. Cabem também as várias camadas que me formam como educadora, pesquisadora, artista, ser humano. Tem espaço para mudar e para se rever, para aprender, e me reconhecer. E na correria que acontece lá fora, o caderno pode ser calmaria, lugar que eu encontro com todos que passaram por ali: meu pequeno e infinito ateliê.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BARROS, M. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

EVARISTO, C. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo**. São Paulo: Francisco Alves, 1960

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. 1. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010

DEWEY, John. **Experiência e Natureza**. Tradução de Murilo Guedes. 1. ed. São Paulo: Editora Abril, 1974.

SALLES, Cecilia Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. São Paulo: Annablume, 1998.

Submissão: 30/09/2025

Aprovação: 02/12/2025